

Ponta

Informativo da ABS - Número 5 - setembro de 2003

Restinga Restaurante

Bar do Dandão

Frutos do Mar a beira mar

- Rizoto de frutos do Mar
- Famosa Muqueca Mista
- Caldeirada

Trapiche e cultivo próprio de ostras e mariscos

Próximo a Ponta do Sambaqui
Fone 235-2093

www.restingarestaurante.com.br

TILASCA,

cidadão desassistido



2003 08 26

Diego Cruz Gomes

A população de Florianópolis assiste a uma mudança radical de suas vidas com a inclusão do novo sistema de Transporte Coletivo na cidade.

Da noite para o dia, sem nenhum tipo de consulta às Associações de bairro e muito menos ao usuário, foi desencadeada um verdadeiro caos na cidade por parte do poder público e das empresas de transporte urbano.

Com a inauguração do Sistema "Integrado" e sua utilização, percebeu-se que os transtornos causados não dizem respeito, simplesmente à novidade e à falta de informação.

O usuário logo vê que os principais problemas remetem-se a uma prioridade distorcida dada pela Prefeitura: ao invés de organizar o transporte para beneficiar o povo, canalizou a boa vontade da população para aumentar o lucro das empresas e da própria prefeitura. Leia na página 3.

Cerca de 200 pessoas fecharam por duas horas o Terminal da Santo Antônio de Lisboa


PITANGUEIRAS
RESTAURANTE

Frutos do Mar em
frente ao Mar

Fone 335-0398

Ponta de Sambaqui, 2861

FARMÁCIA SANTO ANTÔNIO
Aberta diariamente das 7:30 às 22:00

Tele entrega
235-1796

Rod. Nilta Franzoni Viegas, 200 - Centro Comercial Santo Antônio

FARMÁCIA SAMBAQUI

Tele entrega
334-4400

10% de
desconto para
aposentados

Todos os dias das 8:30hs às 21:00hs



Dr. Juliano Zanin Ferreira

Cirurgião Dentista
CRO/SC 5113

Fone 235-2989
Celular 9992-2239

Rod. Nilta Franzoni Viegas, 200 - Loja 6
Santo Antônio de Lisboa

Picanha & Cia

Fones
233-3868
9972-4064



Rua Pe. Lourenço de Andrade, 633 Santo Antônio

Restaurante

Rosemar

Especializado em Frutos do Mar

Rod. Gilson da Costa Xavier, 1520 Praia de Sambaqui

Fone
235-1034

Eficiente e mais barato

Os genéricos são medicamentos comercializados pelos nomes de suas substâncias ativas, sem a marca comercial e que tenham comprovada sua bioequivalência e biodisponibilidade em relação ao medicamento de referência. São medicamentos absolutamente similares, tão eficazes e seguros quanto os de marca, em média 30% mais baratos.

Os principais medicamentos disponíveis no mercado mundial são vendidos, tanto com marcas comerciais como em suas versões genéricas produzidas por laboratórios reconhecidos mundialmente, com suas denominações comuns internacionais, como Ranitidina, Cimetidina, Propranolol e Cinarizina.

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas, uma população de cerca de 30 milhões de brasileiros vive abaixo da linha da pobreza, sem acesso a moradia, alimentação e saúde. Outros 60 milhões dependem da assistência médica pública e não tem recursos financeiros para adquirir medicamentos em farmácias privadas.

Segundo a OMS, genérico pode ser definido como "produto farmacêutico

"60 milhões de brasileiros dependem da assistência médica pública e não tem recursos financeiros para adquirir medicamentos em farmácias privadas"

intercambiável", um produto farmacêutico que pretende ser intercambiável com o produto inovador, geralmente produzido após a expiração da proteção patentária ou outros direitos de exclusividade, independente de autorização da companhia farmacêutica inovadora.

O que diferencia os medicamentos genéricos é que eles são comercializados pelo nome do princípio ativo e têm impresso, nas embalagens, uma tarja amarela com a letra "G" em destaque (medida regulamentada pela Resolução RDC 47, de 28 de março de 2001) e os dizeres: "Medicamento Genérico - Lei 9.787/99". A substituição de medicamentos é permitida somente entre

o medicamento genérico e o de referência, baseada na relação de medicamentos genéricos aprovados pela ANVISA.

Até pouco tempo, o Brasil não reconhecia patentes de medicamentos. A cópia era permitida e podia ocorrer simultaneamente ao lançamento do produto no mercado internacional, sem exigência de testes de equivalência (equivalência farmacêutica e/ou terapêutica). Desta forma, não houve desenvolvimento de medicamentos genéricos no Brasil, apenas dos medicamentos similares.

A partir de 1999, o Brasil passou a respeitar patentes na área de medicamentos e instituiu o genérico. Essas patentes são concedidas aos respectivos laboratórios que pesquisam um princípio ativo ou uma molécula e documentam cientificamente e clinicamente suas propriedades, estabelecendo parâmetros de utilização do produto. Essas patentes são concedidas por até 20 anos. Vencidas, essa tecnologia passa a ser de domínio público, quando poderão ser registrados medicamentos genéricos.

Em políticas de saúde, os medica-

mentos desempenham um papel determinante, quer pelos benefícios que trazem às populações, como também pelos custos que acarretam. Esta é a razão pela qual o binômio custo/benefício é um dos instrumentos a se privilegiar para uma política mais racional de medicamentos.

E foi diante do contínuo crescimento dos custos dos medicamentos que países como os Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Espanha, Itália, dentre outros, criaram caminhos para que os genéricos surgissem no mercado como um dos instrumentos de racionalização/contenção de gastos com medicamentos.

Conclusão, os genéricos surgiram para melhorar o acesso da população aos medicamentos, auxiliando na melhora da qualidade de vida, e possibilitar um maior sucesso nas políticas de saúde do governo barateando o custo nos gastos com programas de distribuição de medicamentos, então não tenha medo na hora de comprar, o genérico é eficiente e sempre mais barato.

*Por Diego Cruz Gomes
Diretor da ABS*

Mudar o comportamento para prevenir

Informações não faltam. Inúmeras campanhas tratam de alertar sobre as formas de contágio, prevenção, sexo seguro, como se pega e como não se pega HIV. Quase todos os dias os veículos de comunicação trazem dados sobre o avanço da doença em todo o mundo.

O número de casos aumenta e mais e mais pessoas estão sendo contaminadas. Aqui no Estado, três cidades, Balneário Camboriú, Florianópolis e Itajaí estão entre os dez municípios proporcionalmente com o maior índice de infectados pelo HIV em todo o país. Porque então tantas pessoas continuam sendo contaminadas?

De acordo com o infectologista, Luis

Escada, os principais problemas são a negação e a fuga da realidade. "As pessoas não transformam as informações que recebem em prática efetiva. Elas não estão ligadas e não fazem nada, ou pouco fazem, para evitar a doença. Duas ou três semanas após iniciarem um relacionamento, crenças que já estão seguros, o casal deixa de usar camisinha". É no pensamento de imunidade que reside o problema.

A mudança nesse comportamento só vem com uma grande dose de emoção. As pessoas precisam passar por

"Não é evitando falar sobre drogas e sexo que os adolescentes vão deixar de transar e consumir drogas".

um susto. "A partir do momento em que alguém próximo se contamina é que se inicia o processo de mudança de comportamento" completa Luiz Escada.

As campanhas educativas e preventivas são importantes mas a grande solução está na família e na sala de aula. "É importante que pais e professores iniciem a discussão o quanto antes, desde a pré-escola" afirma Luiz Escada.

As conversas precisam envolver temas com os quais os jovens tenham intimidade. Os sentimentos e a sexuali-

dade nas suas mais variadas formas despertam o interesse pela discussão e podem ser o caminho para outros assuntos como drogas, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS.

O ser humano precisa aprender a se relacionar com os próprios sentimentos e a epidemia de AIDS contribui para que ele aprenda a fazê-lo. Para Luiz Escada a formalidade utilizada nas discussões a respeito das drogas, da sexualidade e da vida deu errado.

Não é evitando falar sobre drogas e sexo que os adolescentes vão deixar de transar e consumir drogas. Ele propõe o fim dos tabus.

*Por Josemar Sehnem - Jornalista
Texto extraído do "Ligado"*

OFICINA SCÓZ

Lataria e Pintura

FONE 235-1353

Rua Senador Mafra, 56 - Santo Antônio de Lisboa

Expediente

Informativo da ABS - Associação do Bairro de Sambaqui
Diagramação: Assessor Produções - Fone 99804363
Jornalista Responsável: Josemar Sehnem SC 813-JP
Impressão: Gráfica Rio Sul Tiragem: 1.000 exemplares
Distribuição gratuita

Manifestação no TISAM



Moradores de Santo Antônio, Sambaqui, Barra e Cacupé presentes

Diego Cruz Gomes

Que o Sistema Integrado em diversas cidades do país é comprovadamente um benefício e funciona para dar mais horários, diminuir os custos (em estudo desenvolvido a passagem em Fpolis poderia ser de R\$ 1,40 com tarifa social de R\$ 1,00 para os morros) e melhorar o deslocamento e o trânsito, é certo.

Que a nossa cidade merecia já de muito tempo um Sistema Integrado, também é consenso. Mas, que o preço da passagem aumentaria de forma exorbitante (mais cara do Brasil), que os horários diminuiriam, que os ônibus superlotariam, que as comunidades teriam que fazer troca-troca de condução em terminais cheios de fila e espera, isto realmente nenhum cidadão desassistido esperava.

A quantidade exagerada de terminais, a passagem diferenciada por bairros e a quase obrigatoriedade da compra do cartão, trás como consequência mais grave a DESINTEGRAÇÃO do Transporte Coletivo "Integrado".

Na cidade foram colhidas 42 mil assinaturas pela CPI dos Transportes, encaminhada através do Fórum Popular à Câmara de Vereadores para apurar possíveis problemas de corrupção nos aumentos estratosféricos da passagem de ônibus.

Acontece que o Lobie das empresas de Transporte Urbano de Florianópolis é um dos mais poderosos da cidade e é capaz de comprar o voto de alguns vereadores, ou melhor dizendo, da maioria. Somente seis vereadores estão favoráveis à instalação da CPI, Vereadores: Nildomar Freire Santos – Nildão, Márcio de Souza, Aloízio Piazza, Lázaro Daniel, Chicão e João da Bega (viu como seu voto é importante para eleger políticos compromissados com as necessidades da população?).

A prefeitura parece que teceu uma rede em torno de suas finanças, onde a transparência é a última coisa que pode ser notada, negando o ditado de "quem não deve não teme". Até a imprensa faz côro!

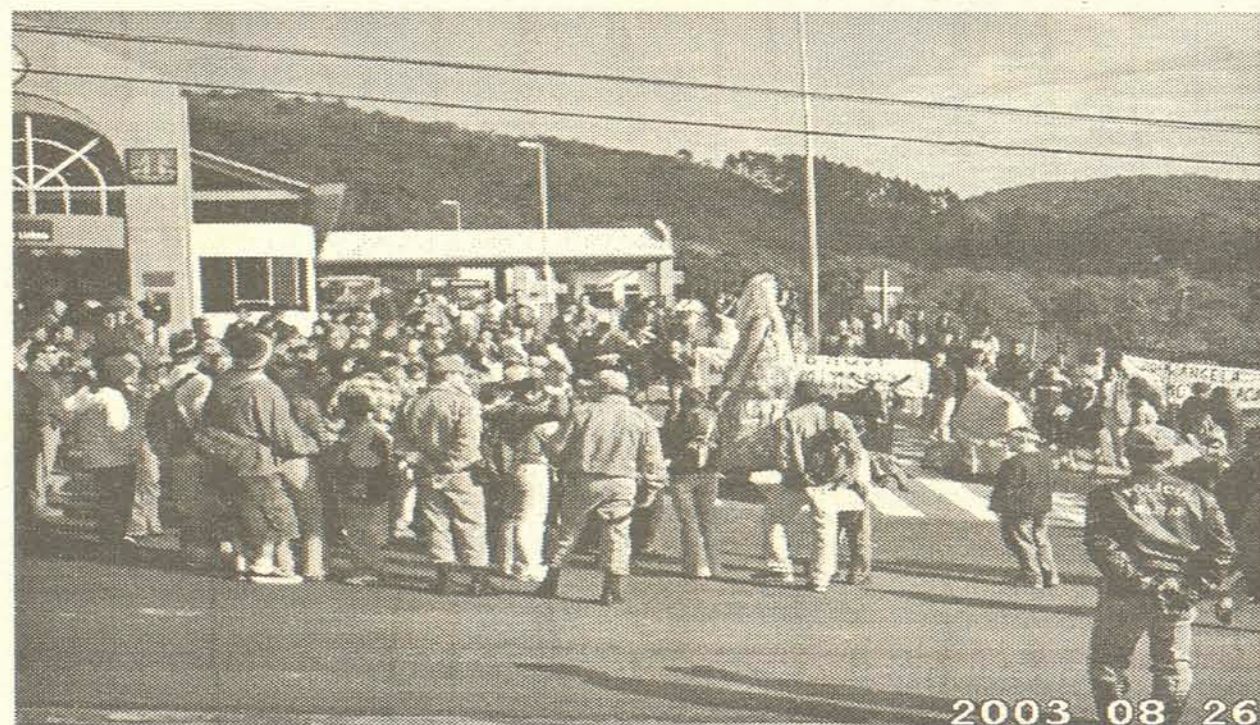
Mas a população, agoniada com tanta incompetência, começou a botar a "boca no trombone". No sul da ilha, na Lagoa, na Trindade, no norte da ilha e no Distrito de Santo Antônio de Lisboa foram desenvolvidas manifestações, espontâneas ou organizadas por Associações de moradores fechando os principais terminais.

Isto fez a Prefeita Ângela

Amin ir para a televisão das desculpas, iniciando romarias através do núcleo de transporte pelos bairros da capital, para ouvir as queixas de uma população estressada com tanto paga-empurra.

Em Sambaqui, foi feita uma reunião no dia 19 de agosto com a participação de aproximadamente 70 pessoas no Casarão da Associação. A partir daí, foi organizado um documento assinados por todas as entidades comunitárias do Distrito, para ser entregue à prefeitura e uma manifestação no TISAN no dia 26 de agosto.

O documento foi entregue aos responsáveis do núcleo de transporte no dia em que o TISAN foi fechado e marcou-se uma reunião com a comunidade que aconteceu em 11 de setembro. O representante da Prefeitura, na referida reunião, posicionou-se da seguinte maneira: que a tarifa social e ônibus circular no distrito (solicitações da comunidade) seria estudado pela prefeitura a médio e longo prazos; que a resposta era "NÃO" ao apelo feito para que



Manifestação foi organizada e pacífica

Diego Cruz Gomes

houvessem ônibus direto do bairro para o centro, ou TISAN-TICEN e que eles iriam estudar algumas mudanças de horários dos ônibus.

Ficou marcada uma próxima reunião para o dia **25 de setembro – quinta, no Casarão**, para que a Comunidade discuta o que fazer daqui em diante, visto que esperar pelas boas intenções da administração municipal é perpetuar os problemas para a comunidade.

Reivindicações da Comunidade

Os moradores e representantes de todas as Associações Comunitárias dos bairros que integram o Distrito de Santo Antônio de Lisboa reivindicam as seguintes alterações no Sistema Integrado de Transporte:

- 1 - Instituir linha circular no Distrito (Barra de Sambaqui/Sambaqui/Santo Antônio de Lisboa), com trânsito pelo TISAN e com tarifa social, utilizando-se para tanto de dois microônibus;
- 2 - Instituir linha direta TISAN-TICEN integrada à linha circular descrita no item 1, implementando o funcionamento divulgado pela Prefeitura por meio de folder e mídia. Observe-se que a linha 212 da empresa Canasvieiras, denominada Santo Antônio Direto, tem custo de R\$ 2,60, portanto cabendo ao usuário desembolsar a diferença e ainda por disponibilizar quantidades e horários inadequados às suas necessidades, o que não serve às comunidades do Distrito.
- 3 - Instituir linha paradora com trânsito pólo TITRI e bairro Agrônômica com origem no TISAN;
- 4 - Implementação de maior quantidade de horário, especialmente nos horários de pico, adequando o sistema ao crescimento populacional do Distrito;
- 5 - Direito à livre escolha de embarque em qualquer coletivo que trafegue pelo TISAN com destino ao Centro, sem acréscimo da tarifa para o morador do bairro que se desloca ao centro – R\$ 2,15;
- 6 - Utilização efetiva do TISAN – Terminal de Integração do Transporte para os moradores do Distrito de Santo Antônio de Lisboa, minimizando os riscos de acidentes, furtos, extravio de documentos e atos violentos;
- 7 - A comunidade deve ter livre acesso aos equipamentos (sanitários, comércio, telefones públicos) disponíveis nos terminais, o que tem sido dificultado visto o isolamento dos usuários após o acesso às áreas de embarque.

autoplacas

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PLACAS LTDA

Bronze, esmaltadas, sinalização de trânsito, numeração de patrimônio, gravadas, com vinil em pcv e acrílico, banners, faixas, medalhas e troféus

Fone 224-0068

R. Araújo Figueiredo, 69, lj. 03, Centro, Florianópolis SC
e-mail autoplacas@intergate.com.br



Rua Pe. Lourenço de Andrade, 200
Ao lado da Locadora

Presentes e Confeições
Fones
235-1211
9967-0101

Panificadora JM

Fone 235-1741

Rua Pe. Lourenço de Andrade
Santo Antônio de Lisboa

Primeiro presidente da ABS conta como tudo começou

A Ponta – Mauro, fale um pouco da história da Associação e de tua participação.

Mauro Sartorato – A formação do nosso grupo começa na década de 70, em plena ditadura militar, no rancho do Ota, antes disto, não havia ninguém que defendesse os interesses da nossa comunidade. É este grupo que vai formar a Comissão de Defesa da Ponta, que depois vai formar a Associação. Nós pegávamos as informações com o René, que era mais próximo do Ota. Ali no rancho tínhamos encontros e discussões com várias pessoas. O pessoal que era de

“Arrancar aquele iate clube e os ranchos de cima da área, não foi fácil. Se fosse hoje, onde poucas pessoas estão se envolvendo, acho que não conseguiríamos”.

diretórios acadêmicos, pessoal mais da esquerda. Lfamos muito. Assim criou-se uma célula de discussão. Eram muitas tendências, quando chegou a década de 80... Foi um pessoal da Universidade que nos deu um alerta sobre a possibilidade de ficarmos sem a Ponta. O primeiro manifesto em defesa da Ponta foi em 78, organizado por esse grupo, inclusive o Júnior fazia parte. Foi um manifesto cultural. Já tínhamos tomado uma certa consciência. Foi na época em que

começam as greves em São Paulo. O grupo era formado por várias tendências. Tinha gente do PMDB, PT, PCdoB, PDT. Fomos nós, com a nossa luta, que ganhamos aquilo, na ditadura militar, na raça (se referindo ao Casarão, à Ponta do Sambaqui e adjacências Praça Macário Rocha). Uma área nobre como aquela. Se fosse hoje, não se ganharia mais. Era um momento importante de luta pra nós. Nos últimos dez anos eu me afastei. Mas não significa que eu não goste mais da entidade, só me afastei, já fiz minha

parcela. Estou todo fazeiro, todo orgulhoso, porque vieste de Sambaqui falar comigo (Mauro hoje reside em Santo Antônio de Lisboa, na antiga casa dos pais).

AP – Tu lembras como eram as reuniões da Associação, quando ela ainda não tinha sede própria?

Mauro – As reuniões eram na casa da D. Ayla ou do Índio. A Dona Ayla foi uma pessoa inesquecível para a Associação. Numa reunião com representantes da marinha uma vez, eles disseram que queríamos a Ponta para fumar maconha, eu disse: meu Sr. a nossa comunidade tem senhoras e tem crianças, o senhor está querendo dizer que todo mundo fuma maconha? A nossa comunidade é organizada. O Sr. vai me dizer que aqui na Marinha não tem ninguém que fuma maconha? Então eu sempre fui assim, era na tampa. Eu era meio grosso. Mas arrancar aquele iate clube de cima da área e aqueles ranchos de cima da área? Olha, não foi fácil não. Se fosse hoje, onde poucas pessoas estão se envolvendo diretamente com a comunidade, acho que não conseguiríamos. Hoje colocaram a pista de skate em cima da Praça. Mas como a Associação sempre

foi muito democrática, respeitou a opinião dos pais, que optaram por isso. A minha preocupação é com o barulho e o aspecto paisagístico. Nós não somos contra a pista de skate, mas será que não tinha outro local? A Praça deve contemplar a todos. Mas também já está feito.

AP – Como é que ficaram sabendo que o Iate Clube ia se instalar na Ponta?

Mauro – Através de uma notinha do Zuri Machado, mais ou menos lá por maio ou junho de 81. O Índio chegou na venda do Xerife com essa notinha e nós nos alertamos. Não fizemos uma passeata só. A primeira passeata foi contra o iate-clube. A segunda, foi contra os ranchos em cima da Praça. O Osmar até financiou as cartolinas, isto foi em 82, porque ele estava interessado em explorar o quiosque público, que estava no nosso projeto da Praça. Os banheiros seriam públicos e ele exploraria o quiosque, então até aí, ele estava do nosso lado. A terceira passeata foi para tirar o Res-

Nesta entrevista, Mauro Sartorato, primeiro presidente da Associação do Bairro de Sambaqui fala sobre a conquista da Ponta do Sambaqui como espaço público, da construção da Praça Macário Rocha e das primeiras atividades do Boi de Mamão. O ex-professor da Escola Técnica, hoje aposentado e morador de Santo Antônio de Lisboa diz que as lutas da comunidade não são apenas saudosismo, significam a disposição de moradores de se organizar, de lutar, de garantir os espaços públicos que hoje todos usufruem.



Dona valdete preparando os cartazes para a manifestação que aconteceu no centro de Florianópolis, pedindo a doação da casa da alfandega e a construção da praça

Fiquei plantado ao lado do carro do homem e quando ele veio pegar o carro eu disse: espera aí, nós somos pessoas de trabalho, não somos moleques. O Sr. não está lidando com guri pequeno, o Sr. está lidando com pessoas da comunidade. Então ele disse: é, vocês são uma confusão. Vem um grupo aqui e diz que não quer a praça, vem outro e diz que quer. Daí eu disse, mas como Sr.? Quem é que não vai querer a Praça? Daí é que ele abriu o jogo e disse que era o pessoal do Conselho Comunitário, que não queria a Praça. Daí, chamamos uma reunião com a presença do nosso pessoal, com muita gente da comunidade; com uma representante do Conselho Comunitário e da Prefeitura e também chamamos o Rogério Queirós (que era vereador na época). E daí foi que tudo se esclareceu. Conclusão: naquela reunião decidimos fazer a Praça, o Rogério serviu de testemunha e marcamos uma reunião com o Prefeito, que era o Cláudio Ávila. Pois bem, daí nós formamos uma comissão e fomos falar com o prefeito, e no final, mesmo nós pedindo, quase implorando, então Dna. Valdete se levantou, botou o braço no ombro dele e disse: “O Sr. é um moço tão bonito, por que é que o Sr. não dá uma pracinha pra gente, Sr. Prefeito? Dá uma pracinha pra gente senhor.” Dali ele não

“O interessante era que chegava o fim de semana e a gente estava trabalhando, e aquilo fazia com que todos se sentissem responsáveis em participar”.

como negar. Eu disse: ta vendo Sr. Prefeito, ta vendo a simplicidade das pessoas de nossa comunidade? Agora se o Sr. quiser negar a Praça, o Sr. nega a praça. Ele respondeu: Ah, pois é, vamos ver o que é possível fazer, e parará, parará, começou a ladainha. A Prefeitura vai dar isso, aquilo. Deram o cimento e o ferro e queriam que a gente fizesse os bancos. As lajotas, os meio-fio, que nós carregamos tudo de carrinho de mão, tu te lembrás disso tudo. A gente trabalhava nos finais de semana. Limpar, capinar, colocar as lajotas, fazer aqueles canteiros, tudo de forma muito simples. Foi na virada de verão de



Fotos: Arquivo ABS

83 para 84. Foi de agosto até o verão. Mas era a garantia daquele espaço nobre para a comunidade. As pessoas foram fundamentais, para esta e outras conquistas. A Dna. Ayla e a Dna. Nilza, por serem mães, do Paulinho, do Carlinho, do Índio, foi o primeiro grupo de senhoras apoiarem o nosso movimento. Foram elas que deram respaldo. De irem em programa de César Souza, defenderem nosso ponto de vista. Aquele pessoal todo lá dos ranchos, depois... Entendessem? Essas coisas todas né? O fazer a Praça, envolveu muita gente. A Dna. Valdete, o Sr. Domingos, iam pra lá de enxada, a Dna. Irene, a gente começa a citar nomes, fica complicado, porque estávamos eu, tu, o Carlinho, o Índio, o Paulinho, o Galego Oeste, o Boquinha, o Júnior, e né, o René, as vezes estava, as vezes não, porque trabalhava em Rio do Sul, mas estava sempre presente, porque quando ele chegava de Rio do Sul, era como se a gente prestasse um depoimento, olha aconteceu assim, assim, assim, durante esta semana, para a próxima vai ser isso, isso e aquilo. E aliás, o nosso grupo, né Janete, começa a se orientar em cima de uma linha socialista, entendeste? O Chico e a Alaíde vêm depois, do movimento da igreja e até começaram a assumir um partido de oposição. No fundo nós começamos a

ganhar adeptos para nossa causa né? Agora o que era interessante era que chegava o final de semana, sábado e domingo a gente estava trabalhando e aquilo fazia com que eles se sentissem responsáveis em participar das decisões. Então aquele grupo participava das reuniões da Associação. Nós fazíamos reuniões com mais de 30 pessoas às vezes. E pessoas não para defender um interesse pessoal, mas para defender um interesse coletivo, de todos. Por exemplo, naquela questão dos ranchos. E as pessoas se mantiveram sempre firmes. Não, a praça é o mais importante, né?! E no final todo mundo girava em torno da praça.

Primeiro, o que mobilizou, foi a Ponta do Sambaqui, depois o povo continuava mobilizado em cima da praça. Exatamente, era a questão da Praça.

AP – Mauro sabes o porque do nome Macário da Rocha?

Mauro – O Sr. Macário era ligado ao pessoal dos pescadores, ali da Colônia de Pesca, pois ele morava ali ao lado. O João também, é sobrinho dele, era tudo amigo dele. Mas seu Macário foi uma das pessoas que teve sensibilidade, ele nunca se posicionou assim contra a Praça, ele inclusive participou de festas nossas, boas noites no engenho de farinha da Barra do Sambaqui! Ele participou sempre, enquanto vivo, acho que era uma pessoa que se poderia colocar o nome perfeitamente, eu não seria contra, se fosse questionado, até assinaria o abaixo-assinado. Se tivesse sido feita uma discussão mais profunda né, do nome da Praça. A gente no começo até queria colocar Praça do Pescador. Mas nossa luta foi tão grande, as vezes, tínhamos que esclarecer ao próprio pescador os benefícios de uma área pública, se a gente não tivesse ido a reuniões com eles, etc, se a comunidade não tivesse se apercebido, a Ponta, aquilo ali, eles iam detonar. Hoje nós teríamos um monte de ranchos e de gente tudo de fora na área da Praça. É muito provável que tivessem vendido seus ranchos, como muitos fizeram com os ranchos do lado de lá. Ou seja, a área da praça hoje, seria privatizada. Chegou a um ponto que uma vez eu disse pro Índio: olha Índio, vai ser muito difícil nós revertermos este quadro. A não

ser que amanhã, a tua mãe, a Dna. Valdete, fossem lá no programa do César Souza para tentar reverter este quadro, explicar para a população de Florianópolis o nosso projeto de praça e que nós não queremos brigar com o pescador. Fomos numa reunião no Condomínio dos Pescadores em que tivemos que explicar o projeto da Praça, porque nós já tínhamos um projeto, entendesse? Que de 81 a 82, a luta tinha continuado e nós já tínhamos um esboço da praça e aí nesta reunião, estavam todos os pescadores. Chegamos lá, a conversa estava boa e quando eles nos viram, a gente pediu para entrar, aquilo foi constrangedor, entrar num clube em minoria absoluta (risos). Eu perguntei a meia boca para o Índio “o que nós viemos fazer aqui?” E o Índio disse “não, nós temos que estar aqui, pois eles estão decidindo o futuro daquela região da Praça. Mas essa reunião não é nossa, é deles. Não, aí o presidente da Colônia de Pesca baixou o pau na gente, disse que era um bando disso, daquilo, vejam só, dizia ele, até de alienígena me chamaram. Porque o René tinha escrito uma carta aberta e usou esta expressão para identificar as pessoas que não eram da comunidade. Depois de uma meia hora, deram a palavra pra mim, eu abri a planta, era uma planta comprida e eu comeci a explicar nossa proposta. A necessidade da praça, que a praça favorecia toda a comunidade, que não era só para o pescador. Daí fomos revertendo o quadro, revertendo o quadro e mostrando que não éramos contra o pescador, como tinha passado o programa do Cesar Souza. Em fim

estes detalhes todos, essas brigas todas, estão vivas na memória da gente. Aquelas reuniões todas na casa da Dna. Ayla, né? Se a Ponta tivesse ficado para o Iate Clube, com certeza toda aquela região adjacente estaria comprometida. Eles a teriam tomado para fazer estacionamento, né, menos que fosse um espaço da comunidade! Bem ou mal ganhamos o espaço e isto tem que dizer para algumas pessoas, que não é saudosismo e tanto que essa praça até hoje ainda não foi inaugurada. E tanto que se brigou, tanto que se pediu, um banquinho, se implorou um brinquedinho, para os órgãos públicos e eles faziam muito pouco caso do grupo, que é preciso frisar que foi uma conquista da época da ditadura militar, que começou a surgir pequenos movimentos. Aí é que está, não é saudosismo. Tinha a associação de moradores do Pasto do Gado e só. A nossa foi a primeira Associação de moradores da Ilha e da cidade de Florianópolis e que serviu de modelo para várias associações em toda a Ilha né, de tanto nós levamos o boi-de-mamão, de mostrarmos como é que funcionava a nossa Associação. Foi o primeiro estatuto legalizado, em 83, em plena vigência da ditadura militar. Então isto não é só, saudade, isto é apenas a disposição de moradores de se organizar, de lutar, de mostrar sua organização, de conseguir estes espaços. Um detalhe importante foi o boi-de-mamão, que sempre serviu para levar nossas reivindicações. O boi vai dançar... ensaia de cá, ensaia de lá... Quando a gente

“A nossa foi a primeira associação de moradores da cidade de Florianópolis e serviu de modelo para várias associações em toda a Ilha”.

fala hoje do boi-de-mamão, só a construção do boi já dá uma história. O boi foi feito no rancho do Índio. O Pedrão é que ajudou a fazer o boi. Ele era naturalista, mas comia um pirão-de-feijão com tocinho que era uma barbaridade. O boi foi feito de taquaras, era pesado, a cabeça era original, de osso. Só o Dandão conseguia dançar naquele boi. E o Dandão dizia: Mauro, só dá pra dançar uma vez. E olha que o Dandão

era um verdadeiro desportista. Todo mundo ajudou a fazer o boi. No forte do verão, mês de janeiro, a gente ficava embaixo do boi, costurando os panos. Os macacões para os ursos e o macaco, foram doações de um posto de gasolina, se não me engano do Adalton. A gente não sabia como fazer, mas a vontade era grande! Quando o boi foi dançar, a primeira vez, foi do lado da venda do Vadinho, foi em janeiro de 84. Saímos com uma faixa pedindo eleição direta pra presidente da república e pra intendente. Saímos com faixas pela reforma agrária. Tínhamos uma visão muito clara das coisas, por exemplo, fizemos debates sobre a Constituinte em 85. O Sr. Altino foi eleito em eleição direta para intendente. Uns achavam até que o iate-clube traria emprego para a comunidade, era todo um processo de convencimento. A própria Universidade apresentou projeto de marina para a região, na frente do Casarão, o projeto do Colombo Sales, imagina! A gente já teria perdido aquela área. Então a comunidade tem que ficar alerta para preservar a área como um bem público e para que permaneça assim.



Mauro em foto do início dos anos 80

Foto: Arquivo ABS

Espaço público inaugurado com omissão da Prefeitura

É importante dizer que a humanização da Praça Macário Rocha tornou-se uma necessidade para Sambaqui, devido ao alto grau de depredação em que se encontrava e pela diminuição dos espaços públicos de lazer no nosso bairro.

É claro que a omissão da Prefeitura ocasionou estas dificuldades, inclusive ao não liberar a verba destinada à ABS no orçamento de 2003, cremos que por questões políticas maiores que os interesses da comunidade.

Apesar de todo o empenho da ABS, muita coisa ainda precisa ser melhorada, como o cais em torno de toda a Praça, a iluminação adequada e a constru-

ção da Quadra Poliesportiva (no terreno frontal à Casa da Colônia).

Todo o esforço de reconstrução empregado pela diretoria da Associação é recompensado pela ocupação massiva da juventude, que independente da idade ou da cor do cabelo, vem utilizando este valioso espaço de lazer.

São importantes os agradecimentos a todos aqueles que contribuíram com muito ou pouco para que este intento fosse alcançado.

Citamos, entre tantos, o Jorge, Sr. João e Francisco, que executaram pacientemente a construção da pista de Skate; o Alexandre Bianchi e os trabalhadores da intendência que contribuí-

ram com a mão de obra; à FLORAN, que cedeu as mudas de plantas em manutenção do parque; à empresa AutoPlacas através da Ângela Borges, que doou a Placa Inaugurativa.

Agradecemos também aos estabelecimentos que toparam a idéia dos bancos: Restaurante do Gugu, Restaurante Pitangueiras, Mercado Suely e Jardim de Infância Jujú-Lelê; ao Índio e à Toninha pelo mosaico que estão preparando para a Pista; ao Marquinhos do Cordeiro Materiais de Construção, que seguiu as contas e finalmente, a todos que contribuíram no livro ouro e na organização da Festa de Inauguração da Praça. A Comunidade está de Parabéns.

Eleição para diretoria da ABS

Convocamos as pessoas interessadas em inscrever chapas para concorrer à eleição da Diretoria da Associação de Bairro de Sambaqui no biênio 2003/2005.

A inscrição da chapa poderá ser feita com qualquer membro da comissão eleitoral até o dia 27 de setembro deste ano, data final, em que haverá um plantão na associação à disposição dos interessados, das 13:00 às 17:00 horas.

Só poderão concorrer à eleição as chapas previamente inscritas através de ofícios encaminhados à Comissão Eleitoral, contendo nome completo dos candidatos interessados e suas respectivas assinaturas. Os integrantes das chapas deverão ser moradores da comunidade. Cada chapa inscrita deverá apresentar um fiscal para acompanhar os trabalhos eleitorais.

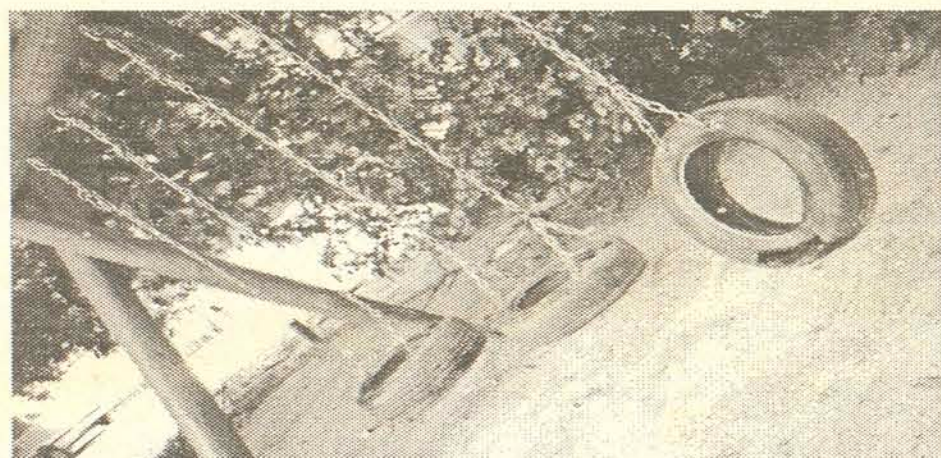
Os cargos que compõem a diretoria são: Presidente, Vice-Presidente, 1º. Secretário, 2º. Secretário, 1º. Tesoureiro, 2º. Tesoureiro, Relações Públicas e Conselho Fiscal (com 5 membros efetivos e 3 suplentes). A Comissão Eleitoral será composta por: Rosélia Clarete Gaia, Janaína Cordeiro, Felícia e Janete Gomes.

A votação será realizada no dia 19 de outubro de 2003, na sede da Associação do Bairro de Sambaqui, das 13:00 às 17:00 horas. O direito ao voto é pessoal, individual, secreto, não podendo ser exercido por procuração. Os eleitores serão os moradores de Sambaqui, cuja a área está limitada entre a peixaria do Dorinho, sede do Tribunal de Contas e Ponta do Luz.

Para votar, o morador deverá ser maior de 16 anos de idade e apresentar, no momento da votação, a carteira de identidade ou documento equivalente. O voto será por chapa e não por candidato. O estatuto da ABS para maior conhecimento, pode ser encontrado com a atual diretoria ou com a Comissão Eleitoral.

Comissão Eleitoral
Florianópolis, 30 de agosto de 2003.

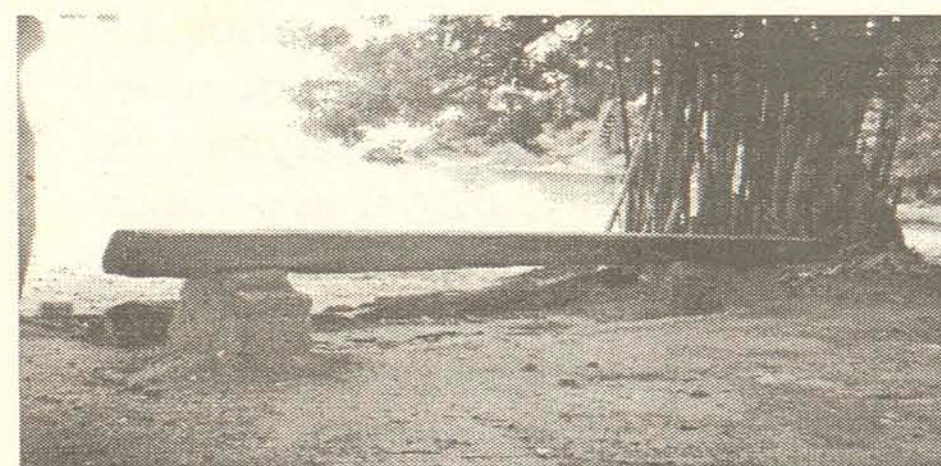
Antes



Balanços quebrados



Calçadas sem conservação



Bancos depredados

Quem Ganha é a comunidade

A festa de inauguração da Praça Macário Rocha aconteceu no sábado dia 16 de agosto. Durante toda a tarde rolou um campeonato de patins e demonstração profissional de skate na mini-ramp construída pela Associação.

Paralelo a estas atividades houve também, um campeonato de futebol infantil na quadra de areia, seguido da apresentação de capoeira com o grupo do Mestre Dame e um café colonial com bingo dentro do Casarão.

Com muita animação a banda "NDA" agitou a galera de Sambaqui com despontar da lua, no palco montado atrás do Casarão.

Parabéns à Diretoria da ABS, por todo o empenho na humanização da Praça e especialmente na construção da mini pista e por toda a festa.

Parabéns a comunidade de Sambaqui por mais esta conquista, a todos que participaram do processo, pais e crianças. Isto mostra que nossa comunidade continua à frente dos acontecimentos.

Fotos: Doris Gomes

Depois



Parque infantil recuperado



Pista de skate



Contorno da quadra de areia

Diego Cruz Gomes


Restaurante do GUGU
Especializado em Frutos do Mar
Rua Antônio Dias Carneiro, 147
Fone 335 - 0288

MINI MERCADO
CARLITOS
Novas Instalações
Fone 335-0278
Sambaqui

Reformas
de Roupas
em Geral
Fone 335-0355
Fale com a Odete

Os Filhos do Concreto

O skate existe há aproximadamente 40 anos, mas foi no século XXI que ele tomou uma dimensão nunca antes imaginada. Chegou a ser o quarto esporte mais praticado no Brasil, e foi indicado pela Organização Mundial de Saúde como o esporte mais característico do mundo moderno.

Hoje, o país é a segunda maior potência do mundo em matéria de skate, tanto no número de atletas quanto na fabricação de equipamentos para a sua prática. Além disso, vários skatistas brasileiros detêm títulos de campeões mundiais, tanto na modalidade street quanto na vertical.

O primeiro grande “boom” deste esporte deu-se pela descoberta do uretano em 1974, pelo engenheiro químico Frank Nasworthy, e com isso as rodinhas do skate passaram a ser mais velozes e aderentes.

No entanto, seu nascimento encontra-se na década de 60, na Califórnia (EUA), onde surfistas entediados com a maré baixa resolveram adaptar algumas rodinhas em suas pranchas de surf. Provavelmente, eles nunca imaginaram que o skate tomaria vida própria e chegaria ao patamar que tem hoje.

Segundo o editorial da revista brasileira “100% Skate”, nº 58 de janeiro de 2003, o Brasil conta com aproximadamente 2 milhões de praticantes em todo o território nacional – ou seja, a mesma população da Grécia Antiga em seu momento de maior expressão. O número é tão grande, que uma das maiores marcas especializadas em tênis para skate, a DC, lançou o mote publicitário: “O skate tornou-se popular demais para ser ignorado”.

A partir do ano 2000, o skate aparece como um esporte definitivo. Não! Ele não era um modismo, uma brincadeira de moleque ou algo do gênero. O skate chegava para ficar e uma das epígrafes do livro: “A Onda Dura – 3 Décadas de Skate no Brasil”, escrito pelo economista Eduardo Brito, demonstra claramente esta constatação: “Ano 2000. Não temos carros voadores, nem colônias em Marte, nem a Terra está cheia de robôs como predisseram muitos, mas uma coisa é certa: nunca o skate bombou tanto quanto nessa

virada de século”.

O ano 2000 marcou uma “nova era” para o skate, o esporte realmente “aconteceu”. Em todas as capitais brasileiras encontram-se várias pistas de skate, e o esporte ganha as cidades do interior também.

Circuitos amadores e profissionais estendem-se por todo o território nacional, campeonatos mundiais acontecem no Brasil, lojas de skate abrem cada vez mais suas portas em lugares nobres da cidade, skatistas profissionais começam a viver de skate e a viajar com frequência para o exterior a fim de competir e andar em lugares diferentes.

Os gringos fazem a mesma coisa aqui no Brasil, o intercâmbio de skatistas marca a globalização de um esporte que sempre foi cosmopolita. Vídeos de



Impacto visual e sincornia de movimentos rápidos e precisos

Foto

skate, que até então apareciam somente em VHS, recebem formato DVD e marcas como Birdhouse e Hurley produzem imagens 16 mm para o cinema.

A estética pós-moderna instalou-se como nunca o domínio da imagem. A fotografia e os vídeos de skate ratificaram essa idéia.

Isso porque, por um lado, a fotografia (seja parada ou em movimento) seduz pelo estímulo óptico e por mostrar um skate que a palavra não consegue reproduzir.

O skate, portanto, é um esporte que convence pelo impacto visual, pela sincronia dos movimentos rápidos e precisos, mas não é somente isso, pois por detrás daquela manobra que você nem entendeu como foi possível executar,

existe o skatista, e é dentro dele que está a chave para a compreensão de toda uma realidade que, através do skate, ele torna completamente lúdica, divertida e plástica.

Se as palavras não conseguem reproduzir com o mesmo impacto o que uma foto de skate consegue, por outro lado, as fotos de skate não investigam, como as palavras, o que está por trás das manobras, ou seja, uma subjetividade.

Segundo o sociólogo francês Michel Maffesoli: “A liberdade exterior não pode existir se não estiver fundamentada em uma sólida liberdade interior”, e é essa liberdade interior que o skate propicia para quem o pratica, negando uma vida totalmente burocratizada ou puramente funcional.

Skate é fonte de respiração e inspiração, que fecunda a realidade, faz surgir outros olhares, outras percepções. A magia do skate não está somente nas manobras completamente técnicas ou criativas que uma foto ou um vídeo pode mostrar, mas antes disso, oculta-se dentro de cada um que tem o skate como expressão de vida.

Por Leonardo Brandão - Acadêmico de História na UDESC e praticante de skate há 14 anos.

Porque uma pista de Skate no Sambaqui

A mini-ramp construída na praça Macário da Rocha, na Ponta do Sambaqui, faz parte do projeto de humanização do local, promovido pela Associação do Bairro de Sambaqui.

Além da pista, faz parte do projeto uma total remodelagem da praça, que inclui bancos novos, canteiro com flores, espaço para exercícios físicos, quadra poli-esportiva, iluminação eficiente e parquinho novo.

A construção e manutenção de uma praça que sirva como um lugar de lazer e diversão, onde mães possam levar seus filhos para brincar, jovens possam andar de skate e patins, jogar futebol, basquete e vôlei, é o que pode tornar o bairro de Sambaqui,

além de apreciado pelas belezas naturais, um lugar que ofereça oportunidades de esporte e de uma vida mais saudável.

A pista de skate surgiu como uma necessidade de oferecer para a comunidade um local apropriado para a prática desse esporte, uma vez que várias crianças e adolescentes estavam correndo perigo, andando de skate na rua, local inadequado e com trânsito de ônibus e carros.

O processo de humanização da praça Macário da Rocha, é um

projeto que pensa nos jovens e no esporte, que pretende fazer do Sambaqui um bairro onde vida saudável e natureza estejam sempre associados.



Crianças não deixam a pista de skate vazia

Super Sambaqui

Padaria e Mercado

Fone 337-5928

Aberto das 7hs às 21hs

Domingos-feriados das 8hs às 20hs

Salão de Beleza Unissex

Teodora

Agende seu horário

fone 335-0084

CORDEIRO

Materias de Construção

Tele entrega 235-1484

Santo Antônio de Lisboa

Campeonato de futebol amador do Norte da Ilha

Após a vitória do Torneio que teve início na Barra da Lagoa em julho, a equipe do Triunfo (categoria principal) conquistou com uma rodada de antecedência, o primeiro turno da competição, dando-se ao luxo de poder perder a última partida da etapa e garantindo assim sua vaga nas semi-finais do campeonato.

A equipe este ano, conta com um plantel mais qualificado do que nas edi-

ções anteriores e as peças estão sendo bem manuseadas pelo técnico Julho Machado (caju).

Cabe lembrar que a participação do Triunfo em competições como esta, só é possível graças à colaboração e ajuda dos comerciantes e comunidade. Em breve a equipe estará organizando um novo bingo para ajudar nas despesas como arbitragens (com custo por jogo de R\$ 150,00) e transporte.

O Triunfo participa também com a equipe de aspirante, que não está em boa fase, devido a sua precocidade. É o primeiro ano de competição deste time que foi montado meio que em cima da hora, mas que promete melhores resultados no segundo turno.

Os jogos acontecem aos domingos a partir das 14:00 com os aspirantes e 15:30 com o principal. A rivalidade entre as equipes é grande, venha torcer!

Futebol de Areia

Aconteceu na cancha de areia da praça Macário da Rocha, pela sua inauguração, um torneio de futebol mirim (até 12 anos) para trios. O evento contou com a presença de 10 equipes, somando assim, 30 crianças de ambos os sexos. Aliás, quase todos os trios possuíam uma menina.

As inscrições foram feitas antes do início da competição que iniciou as 14:30 horas. Cada equipe jogou pelo menos duas partidas e as três primeiras colocadas foram premiadas com medalhas. Por volta das 17:00 horas terminaram os jogos que foram muito disputados e tiveram como grandes vencedores a equipe formada pelas seguintes crianças: Victor D. Batista, Fabiano F. Valeco e Thamires C. Gaia.

A ABS agradece a participação de todos e da ótima arbitragem de Gilberto (Gi), que conseguiu segurar o tranco da gurizada.

Festa do Divino

Neste mes aconteceu a tradicional Festa do Divino Espírito Santo no Distrito de Santo Antônio de Lisboa. A festa teve inúmeras atrações: desfile de carros de boi, pau de fita, e boi de mamão.

Atração especial foi a Orquestra Sinfônica da localidade de Madalena, (vila localizada na Ilha do Pico no Arquipélago dos Açores), com 60 integrantes. De parabéns os organizadores e festeiros

Escola de futebol do Triunfo

No dia 19 de julho, começou a ser disputado o IIIº campeonato de escolas de futebol do norte da ilha.

São seis escolas: Triunfo F.C. (Sambaqui), ARCE Avante (Santo Antonio de Lisboa), E.F. Canasvieiras, CDF Canas (Canasvieiras), Ponta das Canas F.C. e Grêmio Itaguaçu (Rio Vermelho) com três categorias: mirim

(até 12 anos), infantil (até 14 anos) e juvenil (até 16 anos).

A competição é disputada em turno e retorno, classificando o campeão de cada turno para a final, dentro de sua categoria.

Os jogos acontecem aos sábados pela manhã, com início às 9 horas, prestigie o evento!

Horários da Escolinha

Dias/horário	8:30 às 9:30	9:30 às 10:30	14h às 15h	15h às 16h
Terça	10 a 16 anos	05 a 09 anos	05 a 08 anos	09 a 11 anos
Quarta			12 e 13 anos	14 a 16 anos
Quinta	10 a 16 anos	05 a 09 anos	05 a 08 anos	09 a 11 anos
Sexta			12 e 13 anos	14 a 16 anos

Feira de artes e artesanato

Se você quer comprar um presente de aniversário fugindo do trivial e gastando menos. Se quiser dar uma lembrança a um amigo ou visitante, ou mesmo equipar sua casa com artesanatos locais, já existe um lugar adequado para isto.

O Casarão fica aberto de segunda à sábado, das 14 às 18:00 (horário de inverno) e espera sua visita. Valorize este espaço, que valoriza o trabalho artístico-artesanal do nosso lugar.

Convênio entre CESUSC e ABS

Foi firmado um convênio entre a ABS e a CESUSC, onde os alunos já matriculados ou que venham a se matricular no curso de Administração, moradores de Sambaqui, terão 20% de desconto na mensalidade.

Quem deseja se beneficiar deste convênio deve preencher um requerimento junto à ABS. Interessados tratar com Gabriela no endereço gabrielagomesnoronha@hotmail.com ou pelo fone 9952-8322.

Infância Prolongada

Não sei se tiro sarro, ou se fico com inveja. A verdade é que estou feliz. Alguns moradores de nosso bairro, apesar da idade, não deixaram de fazer algumas coisas que fazíamos a algum tempo atrás, “brincadeiras da infância”.

Já observara desde alguns anos, que sempre ao iniciar o inverno, alguns marmanjos, misturados aos pequenos, passavam a soltar suas pipas, colorindo o belo céu de nosso bairro. Fiquei boquiaberto um dia destes, enquanto dava aula de futebol para uma turma até dezesseis anos.

Num certo momento todos saíram do campo, correndo para uma mesma direção. Alguns pularam o muro atrás do terreno. Quando um deles voltou com o troféu de sua investida é que fui perceber o que havia acontecido: uma pipa (pandorga, papagaio) passou solta da linha e caiu no terreno adjacente ao campo de futebol.

É claro que eles tiveram que “pagar alguns exercícios” pelo ato de indisciplina com a aula, mas eu achei muito interessante.

Outro fato foi observar a brincadeira da “calha” ou malha como é chamada em outros locais, sendo praticada na minha rua por jovens, adultos e até idosos, bem como o “jogo de taco” e a bolinha de gude, que tanto me divertiram durante a infância.

Sem contar as habilidades que estas atividades proporcionam ao indivíduo, principalmente a criança em desenvolvimento: coordenação motora, equilíbrio, velocidade, agilidade, destreza, força.

As condições de espaço, os terrenos cheios de casas e muros e as ruas tão perigosas, disputadas por motos, carros e caminhões não oferecem a mesma facilidade e tranquilidade para a prática das saudáveis e divertidas brincadeiras tradicionais como outrora, mas fico feliz que estes “marmanjos” continuem brincando, pois só assim, os mais jovens poderão aprender nossas brincadeiras e quem sabe se livrar um pouco da alienação da TV, vídeo games e outras coisas que o “progresso” nos impõe.

Por Heitor Machado Cordeiro
Profissional de Educação Física, (CREF 03 – 3033 – G / SC.
diretor de Esportes da ABS e professor da escolinha do Triunfo.

MERCADO SUELY

Santo Antônio de Lisboa

Tele entrega
Tele água
Tele gás

235-2125

Completa linha
de carnes,
hortifruti
Pão quentinho
toda hora

Fábrica de Esquadrias Norte da Ilha

Fones 223-1151
9992-5244

Rod. SC 401, km 9

Portas
Janelas
Forros
Madeiras
em Geral

Panificadora e Confeitaria Passing

Fone
235-3194

Rod. Gilson da Costa
Xavier, 611

Aceitamos
encomendas de
pães, doces e
salgados